

5 Conclusão

Através de dados formais, este estudo tratou de meios diferentes de exprimir o mesmo nexo semântico do período hipotético eventual com *se* através de construções sem o uso do modo subjuntivo. Sabe-se que o sistema linguístico disponibiliza meios distintos de expressar significados iguais ou semelhantes, mas que requerem, muitas vezes, diferentes contextos de uso. Assim, no português do Brasil falado no Rio de Janeiro, o período hipotético eventual seria expresso através da forma canônica, na maioria das vezes iniciando-se com a conjunção *se* seguida do verbo no futuro simples do subjuntivo, como em (a) *Se você chegar tarde, a gente não vai entrar no teatro*; e através de formas alternativas a esta, sendo as mais comuns as seguintes: (b) *Se você chega tarde, a gente não entra no teatro*, (c) *Você chega tarde e a gente não entra no teatro. E aí?* e (d) *Vai que você chega tarde e a gente não entra no teatro*.

Ao se iniciar esta pesquisa, partiu-se das hipóteses de que, no discurso oral informal, haveria uma evidente predileção pelas construções alternativas do referido período. Também se supôs que haveria uso preferencial de algumas formas alternativas. No que se refere aos objetivos, este trabalho teve quatro objetivos específicos, a saber: (i) identificar situações comunicativas em que o falante tem preferência pelo emprego da forma subjuntiva no período hipotético iniciado por *se*; (ii) verificar se as estruturas alternativas estudadas são, efetivamente, alternativas; (iii) analisar como os fatores pragmáticos proximidade, intimidade, hierarquia e formalidade influenciam o uso da estrutura canônica e/ou das estruturas alternativas; e (iv) construir uma escala de congruência com as estruturas em foco, analisando-as comparativamente.

No que tange aos vários trabalhos desenvolvidos anteriormente que puderam servir de ponto de partida para esta pesquisa, consultaram-se gramáticas para falantes nativos do português e para aprendizes do idioma como língua estrangeira e alguns trabalhos de orientação descritiva do português. Assim, contribuíram para este estudo as gramáticas de Rocha Lima (2006), Cunha e Cintra (2001), Bechara (2009), Azeredo (2011), Perini (2002), Whitlam (2011) e os estudos de Mira Mateus et al. (2003), Neves (2000) e Leão (1961). Muitos

outros trabalhos poderiam ser incluídos neste rol de autores, mas estes foram considerados os mais relevantes para esta pesquisa.

Este trabalho coaduna-se com os pressupostos gerais da teoria funcionalista de linguagem e conta com o conceito de metáfora gramatical da Linguística Sistêmico-Funcional, definido por Halliday (1994); e de intimidade, proximidade e informalidade, definidos por Wierzbicka (1991) e os seus pares opositivos: ausência de intimidade distanciamento e formalidade. Aos conceitos de Wierzbicka, acrescentou-se o de hierarquia, oriundo dos estudos da Pragmática. Com relação à metodologia utilizada, foi construído um questionário sociolinguístico aplicado a vinte informantes falantes de português como língua materna do Rio de Janeiro. Neste questionário, apresentaram-se oito situações típicas de fala do dia-a-dia, com diferentes graus de proximidade, formalidade, intimidade e hierarquia entre os participantes fictícios das situações. Os informantes deveriam, a partir de um conjunto de quatro estruturas, representantes das quatro construções estudadas aqui, respectivamente, escolher a opção que usariam e a que não usariam em cada situação colocada. O objetivo do questionário foi verificar a influência dos referidos fatores pragmáticos na escolha da opção canônica e das opções alternativas, os contextos em que cada estrutura é usada e se elas são, de fato, utilizadas pelos falantes.

Tendo em vista as quatro estruturas analisadas e os resultados obtidos por meio da aplicação do questionário, a análise de dados foi dividida em duas partes. Na primeira, foi construída uma escala de congruência, baseada no conceito de metáfora gramatical, através da qual é possível afirmar que a estrutura canônica é a mais típica representante do período analisado e, por isso, é chamada de estrutura congruente. As demais estruturas são menos típicas e, em razão disso, são denominadas metafóricas neste trabalho. Na segunda parte da análise de dados, apresentaram-se os resultados referentes à aplicação do questionário. Verificou-se que, em algumas situações, como na S2, S4 e S6, as expectativas não foram claramente confirmadas, em virtude de fatores que não puderam ser precisamente determinados; entretanto, os resultados referentes às demais situações confirmaram as expectativas iniciais. Com o objetivo de complementar essa análise, foram agrupados os percentuais de escolhas das estruturas metafóricas em apenas um percentual e este foi confrontado com o percentual de escolhas da estrutura congruente em todas as situações testadas. Através dessa

comparação, percebeu-se que a estrutura congruente foi mais selecionada nos contextos de maior distanciamento e as metafóricas, nos contextos de maior familiaridade. Adicionalmente a esta comparação, foi calculado o percentual de escolhas de cada estrutura para cada situação. Através dessa análise, observou-se que a estrutura SUB foi a mais selecionada em todas as situações, bem como a estrutura VQU. De acordo com esse resultado, pode-se afirmar, seguindo as expectativas iniciais do trabalho, que existe uma estrutura metafórica preferida, a VQU.

Constatou-se, ainda, que a presença dos fatores pragmáticos estudados influencia a escolha dos falantes pela estrutura congruente, em contextos formais, e pelas estruturas metafóricas, em contextos informais. De todo modo, esses fatores não determinam essa escolha. Além disso, comprovou-se que as estruturas metafóricas testadas no questionário são, de fato, alternativas. Entretanto, a grande – mas não total – rejeição dos informantes pela construção EAI mostra a baixa aceitação dessa estrutura, o que sinaliza que essa é uma construção de uso restrito.

A análise das respostas dos informantes ao questionário mostrou a grande preferência pela estrutura congruente em todos os contextos testados. Esse resultado não era esperado e significa que a referida construção, elaborada com o modo subjuntivo, é plenamente aceita entre os falantes. Isso mostra a importância de essa construção ser ensinada aos aprendizes não nativos de português. Por outro lado, além dos resultados já mencionados, verificou-se um número significativo de seleção da construção VQU em contextos formais – bem como nos informais –, outro resultado não esperado nesta pesquisa. Então, o grande número de escolhas da estrutura congruente SUB e da estrutura metafórica VQU demonstra que essas duas construções são as preferidas pelos falantes para se expressar hipótese de realização provável no futuro.

Por fim, este trabalho constata que as estruturas metafóricas são uma alternativa à construção com o futuro do subjuntivo – estrutura com maior nível de dificuldade de aprendizado para um aprendiz estrangeiro em função de sua flexão – em contextos apropriados. Logo, a partir da caracterização das construções analisadas aqui, os profissionais dessa área podem entender melhor alguns de seus aspectos e, conseqüentemente, explicá-las aos alunos com mais propriedade, com base em estudo científico e não somente em sua intuição.

Há ainda pontos que não puderam ser esclarecidos nesse trabalho, seja por fugirem dos objetivos propostos, seja por não se ter dados que pudessem embasar outras conclusões. Alguns destes pontos são: (i) quais são as outras estruturas alternativas ao período canônico analisado e por que processos sintáticos são formadas?; (ii) que outras variáveis poderiam interferir na preferência pelas construções em foco?; e, (iii) dadas outras estruturas canônicas para formar um período hipotético eventual, formadas com outras conjunções, quais são as suas respectivas construções alternativas e quais são as suas diferenças de significados?. Além dessas questões, futuros trabalhos que busquem caracterizar pormenorizadamente os significados das três estruturas metafóricas e/ou testar outras estruturas, em um número maior de situações, poderão contribuir para um maior desenvolvimento do tema. Por exemplo, contribuiriam para o tema estudos que analisassem outras formas canônicas, como aquelas formadas com as conjunções *caso*, *contanto que*, *a menos que*, *exceto se*, *salvo se* etc., e que verificassem se há preferência de uso entre elas.

Acredita-se que essa pesquisa pode contribuir de forma efetiva para o ensino de PL2E de modo que os professores encontrem aqui não somente uma descrição mais satisfatória das estruturas estudadas, mas também explicações eficazes, geralmente não apresentadas em gramáticas tradicionais e em outros trabalhos de descrição do português. Esses profissionais poderão, assim, estar mais preparados para sanar as dúvidas dos alunos com relação ao uso das construções aqui analisadas.